

Trabalho obteve o 1º Lugar, fazendo jus ao Prêmio Maria Grasiela Teixeira Barroso, concedido pela Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Ceará



**20º Congresso Cearense de Enfermagem
29º Convenção Interiorana de Enfermagem
14ª Semana de Enfermagem da Universidade do Vale do
Acará (UVA)
1º Seminário Gestão e Liderança em Enfermagem Hospitalar**

EXPERIÊNCIAS DE RACISMO E SAÚDE MENTAL NO ENSINO SUPERIOR: EVIDÊNCIAS DE UM ESTUDO QUALITATIVO

Luana Da Silva Cunha¹

Eliany Nazaré Oliveira²

Pedro Lucas Alves³

Ana Alyne Abreu da Silva⁴

Celiane Brito Rodrigues⁵

1. Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, UVA, Sobral, Ceará. Brasil. Apresentador(a).
2. Docente no Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, Sobral. Ceará. Brasil.
3. Enfermeiro, mestrando no Programa de Pós Graduação em Saúde da Família UVA-UFC (PPGSF), Sobral, Ceará. Brasil.
4. Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, Sobral. Ceará. Brasil.
5. Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, Sobral. Ceará. Brasil.

INTRODUÇÃO: O racismo estrutural no Brasil configura-se como um determinante social de saúde, moldando as experiências de vida e o bem-estar psíquico da população negra. No ambiente universitário, esse fenômeno manifesta-se de forma complexa: embora as políticas de ações afirmativas tenham ampliado o acesso, às instituições frequentemente falham em garantir

Trabalho obteve o 1º Lugar, fazendo jus ao Prêmio Maria Grasiela Teixeira Barroso, concedido pela Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Ceará

uma permanência que preserve a integridade mental dos discentes¹. Nesse cenário, o racismo manifesta-se de forma cotidiana por meio de microagressões, expressões sutis e recorrentes de discriminação ancoradas em marcadores fenotípicos, como cor da pele e características capilares, que convertem o ambiente acadêmico em um espaço de desgaste psíquico e sofrimento ético-político frequentemente invisibilizado. Apesar da relevância, ainda são incipientes os estudos que exploram a dimensão subjetiva do adoecimento (illness) em interface com o racismo. Ademais, o racismo institucional pode ser compreendido como um agente patogênico, demandando respostas em saúde orientadas pela justiça social². O racismo institucional é um agente patogênico que exige um cuidado focado na justiça social³.

OBJETIVO: Analisar as experiências de racismo cotidiano e suas repercussões no adoecimento mental de acadêmicos negros. **MÉTODO:** Trata-se de um recorte de pesquisa mais ampla intitulada "Discriminação Racial e Saúde Mental nas Universidades", financiada pelo Edital nº 04/2022 do Programa de Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e Inovação Tecnológica (BPI) e desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde Mental (GESAM), vinculado à Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Adotou-se abordagem qualitativa, orientada pela compreensão da experiência subjetiva do adoecimento. O estudo foi conduzido em instituições de ensino superior públicas e privadas do Ceará. A coleta de dados foi realizada em duas fases sequenciais. Na etapa inicial, de caráter quantitativo, aplicaram-se questionários a alunos universitários; a análise estatística desses instrumentos revelou que 235 participantes relataram experiências recorrentes de discriminação racial. Com base nesse contingente, efetuou-se convite para integrar a segunda fase, de abordagem qualitativa. Entre os elegíveis, 37 estudantes consentiram em participar voluntariamente e constituíram a amostra desta etapa, tendo sido submetidos a entrevistas semiestruturadas. O corpus textual produzido foi analisado com o auxílio do software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), que permite organizar os depoimentos em segmentos de texto e identificar padrões de repetição de palavras e temas, possibilitando agrupar conteúdos semelhantes e revelar os assuntos mais recorrentes nas narrativas. Para a exploração das relações entre os termos, empregou-se a Análise Fatorial de Correspondência (AFC), que possibilita examinar associações entre palavras a partir de suas frequências e distribuições no corpus, representando-as em planos fatoriais. Essa técnica permitiu identificar estruturas latentes do discurso, evidenciando a organização dos termos em eixos fatoriais que sintetizam os principais padrões semânticos das narrativas. Os fatores extraídos expressaram as dimensões predominantes das experiências de discriminação racial e seus impactos na saúde mental, possibilitando a

Trabalho obteve o 1º Lugar, fazendo jus ao Prêmio Maria Grasiela Teixeira Barroso, concedido pela Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Ceará

interpretação das relações entre os elementos lexicais e os núcleos de sentido emergentes. De forma complementar, utilizou-se a nuvem de palavras como estratégia de exploração lexical descritiva, permitindo visualizar a frequência, a centralidade e a carga semântica dos termos mais recorrentes nos relatos, reforçando a identificação dos principais eixos temáticos associados ao adoecimento psíquico. O estudo atendeu aos preceitos éticos da Resolução nº 466/2012, com aprovação por Comitê de Ética em Pesquisa (parecer nº 6.279.258), garantindo anonimato, confidencialidade e participação voluntária. **RESULTADOS:** A análise integrada dos dados evidenciou a complexidade e a multidimensionalidade das experiências de discriminação racial vivenciadas por estudantes universitários negros. Inicialmente, a Análise Fatorial de Correspondência aprofundou a compreensão dessas dinâmicas ao identificar dois eixos fatoriais principais, responsáveis por 57,15% da variância total dos dados ($F1 = 33,09\%$; $F2 = 24,06\%$). O primeiro fator esteve associado às dimensões sociais, históricas e políticas da discriminação racial, articulando termos que remetem à compreensão do racismo como fenômeno estrutural, enraizado nas relações sociais e nas desigualdades historicamente construídas. O segundo fator, por sua vez, concentrou-se nas experiências vividas e em seus desdobramentos na saúde mental, evidenciando a relação direta entre episódios de discriminação e seus efeitos emocionais e psicológicos. A partir dessa estrutura, foram identificadas cinco classes temáticas que expressam diferentes dimensões do fenômeno. A Classe 1 (Contexto Social e Político) evidencia a compreensão do racismo como problema estrutural, associado a desigualdades históricas e à limitação de oportunidades. A Classe 2 (Impactos na Saúde Mental) explicita os efeitos emocionais da discriminação, destacando sentimentos como ansiedade, baixa autoestima e sofrimento psíquico. A Classe 3 (Respostas e Reações Individuais) revela estratégias de enfrentamento que variam entre o apoio social, a tentativa de racionalização das experiências e respostas emocionais como confusão e indignação. A Classe 4 (Experiências Acadêmicas e Contextos de Discriminação) evidencia a recorrência de episódios no ambiente universitário, reforçando a universidade como espaço simultaneamente de acesso e de reprodução de desigualdades. Por fim, a Classe 5 (Experiências Recorrentes e Familiares) aponta para a continuidade dessas vivências ao longo da trajetória de vida, incluindo contextos familiares e sociais próximos, indicando a natureza cumulativa do racismo. A articulação entre os achados evidencia que o racismo opera como um processo contínuo de vulnerabilização, no qual experiências reiteradas de discriminação produzem impactos que se acumulam ao longo do tempo, afetando a saúde mental, o sentimento de pertencimento e a trajetória acadêmica dos estudantes. Nesse sentido, o sofrimento psíquico relatado não se configura como manifestação individual isolada, mas como resposta coerente a

Trabalho obteve o 1º Lugar, fazendo jus ao Prêmio Maria Grasiela Teixeira Barroso, concedido pela Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Ceará

um contexto persistente de violência simbólica e institucional. Adicionalmente, observou-se que muitos estudantes recorrem a redes de apoio informais, como amigos e familiares, como principal estratégia de enfrentamento. No entanto, a adoção de posturas aparentemente adaptativas, como minimizar ou relativizar episódios de discriminação, revela, em muitos casos, mecanismos de autopreservação diante do medo de exclusão ou retaliação, indicando a presença de sofrimento psíquico silenciado. A análise lexical por meio da nuvem de palavras revelou a centralidade de termos como “discriminação racial”, “racismo”, “saúde mental”, “situação”, “enfrentar” e “sentir”, indicando que as vivências relatadas estão ancoradas em contextos concretos e recorrentes do cotidiano. A proeminência da palavra “situação” sugere que o racismo não é percebido como fenômeno abstrato, mas como experiência situada, materializada em episódios específicos marcados por vigilância, suspeição, silenciamento e constrangimento. Esses achados são corroborados pelos relatos dos participantes, que descrevem ocorrências em diferentes espaços sociais, comércio, ambiente acadêmico, transporte público e contextos familiares, evidenciando a capilaridade do racismo estrutural nas interações cotidianas. Tais experiências, frequentemente associadas a marcadores fenotípicos como cor da pele, cabelo e traços físicos, reforçam a dimensão racializada das microagressões. No que se refere à dimensão subjetiva, a recorrência de termos como “medo”, “tristeza”, “sofrimento” e “ansiedade” evidencia a intensidade afetiva dessas vivências, apontando para um processo contínuo de desgaste psíquico. A presença simultânea de palavras como “enfrentar” e “sentir” revela uma dualidade nas narrativas, indicando que, ao mesmo tempo em que os estudantes desenvolvem estratégias de enfrentamento, também vivenciam impactos emocionais profundos, muitas vezes marcados pelo silenciamento, pela necessidade de adaptação e pela internalização do sofrimento. Em síntese, os resultados demonstram que a discriminação racial no contexto universitário se manifesta de forma difusa, cotidiana e estrutural, produzindo efeitos significativos na saúde mental dos estudantes. A integração entre análise lexical e análise fatorial permitiu evidenciar tanto a materialidade das experiências quanto os significados atribuídos a elas, revelando o racismo como um determinante social central no processo de adoecimento psíquico. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Evidenciou-se que o adoecimento psíquico de acadêmicos negros está intrinsecamente relacionado a um ciclo contínuo de microagressões no cotidiano universitário. Tal processo ocorre mesmo na ausência de diagnóstico clínico formal, indicando que o sofrimento mental extrapola categorias biomédicas tradicionais. As microagressões configuram-se, portanto, como núcleo estruturante do racismo cotidiano e principal obstáculo à permanência estudantil saudável. Destaca-se a necessidade de incorporação do letramento racial nas políticas institucionais de saúde mental,

Trabalho obteve o 1º Lugar, fazendo jus ao Prêmio Maria Grasiela Teixeira Barroso, concedido pela Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Ceará

bem como o fortalecimento de estratégias intersetoriais voltadas à equidade. Ressalta-se, ainda, o papel da Enfermagem na identificação e enfrentamento dessas iniquidades, reconhecendo o ambiente universitário como espaço produtor de vulnerabilidades em saúde. Recomenda-se a realização de estudos longitudinais que aprofundem a compreensão dos efeitos cumulativos do racismo ao longo da trajetória acadêmica.

REFERÊNCIAS:

1. OLIVEIRA, Eliany Nazaré et al. Racismo estrutural e experiências de discriminação no Brasil: implicações sociais e subjetivas. 2022.
2. HELMAN, Cecil G. Cultura, Saúde e Doença. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
3. GUERRA, A. P. et al. Racismo institucional como agente patogênico: impactos na saúde mental de estudantes universitários negros. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 77, n. 2, 2024.

DESCRITORES: Racismo; Saúde Mental; Estudantes.

EIXO TEMÁTICO: EIXO 3: Prática social, cuidado e impactos na saúde da população.